

# ABRACE

**A**rtes Cênicas na  
mazônia:  
saberes tradicionais,  
fazeres contemporâneos

**ORGANIZADORAS**

Alba Pedreira Vieira

Andrea Carvalho Stark

Vera Collaço



**Stricto  
sensu  
Editora**

## Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786

Anais da XI Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - ABRACE. Artes Cênicas na Amazônia : saberes tradicionais, fazeres contemporâneos / Alba Pedreira Vieira, Andrea Carvalho Stark, Vera Collaço (orgs.). – Rio Branco : Stricto Sensu, 2023.

1474 p. : il.

ISBN: 978-65-86283-95-2

DOI: 10.35170/ss.ed.9786586283952

1. Artes Cênicas. 2. Amazônia. 3. Saberes tradicionais. I. Vieira, Alba Pedreira. II. Stark, Andrea Carvalho. III. Collaço, Vera. IV. Título.

CDD 22. ed. 792.0991811

**Bibliotecária Responsável:** Tábata Nunes Tavares Bonin / CRB 11-935

Autoras e autores são responsáveis pela revisão gramatical de seu texto, pelo conteúdo textual e iconográfico, prezando pela adequação às normas acadêmicas (ABNT), à ética da pesquisa e aos direitos autorais de imagem e texto de acordo com a Lei nº 9.610/98.

É permitido o *download* e o compartilhamento deste e-book, desde que sejam atribuídos créditos à editora, às autoras e aos autores e respeitando a ficha catalográfica, não sendo permitida a alteração dos textos em nenhuma forma ou a sua utilização para fins comerciais.

<https://portalabrace.org/novo2022/e-books-da-abrace/>

[www.sseditora.com.br](http://www.sseditora.com.br)

# BENZER O CORPO: PROCEDIMENTOS ATENCIONAIS PARA UMA CORPORALIDADE AFRODIASPÓRICA

Fernando Marques Camargo Ferraz<sup>1</sup>

## RESUMO

O trabalho discorre sobre pressupostos afrodiáspóricos no ensino de dança, contribuindo na investigação sobre possíveis abordagens que priorizem a construção de uma ecologia de saberes (SANTOS, 2010). Interessa-nos saber como mediar, no campo educacional, os saberes diáspóricos, entendidos como negrumes cuja potência de transfiguração (BRASILEIRO, 2022) possa ameaçar os cânones e procedimentos coloniais. A partir de indagações ético-políticas, relativas ao posicionamento dos saberes afrodiáspóricos nos estudos do corpo, esse artigo, apoiado na prática docente do autor, sugere procedimentos atencionais para as danças afrorreferenciadas.

**Palavras-Chave:** Ensino de Dança; Danças Afro Referenciadas; Procedimentos Atencionais.

## ABSTRACT

The work discusses Afro-diasporic fundamentals in dance teaching, contributing to the investigation of possible approaches that prioritize the construction of an ecology of knowledge (SANTOS, 2010). We are interested in knowing how to mediate, in the educational field, diasporic knowledge, understood as blackness whose power of transfiguration (BRASILEIRO, 2022) may threaten colonial canons and procedures. Based on ethical-political inquiries, regarding the positioning of Afro-diasporic knowledge in body's studies, this paper proposes attentional procedures in the practice of the referenced Afro diasporic dances created from the author's teaching practice.

**Keywords:** Dance Teaching; Referenced Afro Dances; Attentional Procedures.

Esse texto nasce a partir de ponderações sobre a prática docente do autor e suas indagações para reconhecer e criticar os lastros de colonialidade (QUIJANO, 2005) no ensino das chamadas danças afro-brasileiras, sua dimensão de reprodução e virtuosidade, cujo caráter disciplinar ainda programa noções de treinamento em busca de um corpo idealizado.

Desejamos interpelar sobre as relações e tensionamentos políticos, poéticos e éticos engendrados nas experiências educacionais das danças negras, tecendo possíveis diálogos com autores e fazedores. Para investigar essas malhas, tecidas entre legados ancestrais e suas atualizações, faz-se importante indagar sobre as metodologias de ensino, suas abordagens multifacetadas, modos de saber e seus fazeres permanentemente reprocessados, compreendendo os discursos políticos e estéticos articulados através das

---

<sup>1</sup> Professor da Escola de Dança da UFBA. Doutor e Mestre em Artes pelo IA/Unesp, Bacharel Licenciado em História pela FFLCH-USP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA e do Mestrado Profissional em Dança PRODANUFBA, membro do Grupo GIRA (CNPq). Artista da dança move-se entre os estudos da diáspora negra, história e performance.

artes, com cuidado especial às práticas de atenção ao corpo, suas poéticas, pedagogias e modos de saber, suas resistências, transformações e adaptações.

Tal investigação deseja inferir sobre possíveis pressupostos afrorreferenciados no ensino de dança, contribuindo na investigação sobre seus temas, abordagens e eixos de organização. O estudo tem como ponto de partida a promoção da justiça cognitiva nos espaços institucionais de educação (em especial nas universidades), priorizando a construção de uma ecologia de saberes (SANTOS, 2010), na qual o direito às diferenças epistemológicas e pedagógicas possa existir e ser celebrado. Interessa-nos verificar os desafios para a constituição de espaços plurais, nos quais as práticas desenvolvidas atuem como ações de descolonização (CARVALHO, 2018), não se limitando ao mero reconhecimento de filiações teórico-acadêmicas, nem a constatação dos cenários de invisibilização de saberes minorizados em contextos acadêmicos embranquecidos. Interessa-nos saber como mediar, no campo educacional, os saberes diáspóricos, entendidos como negrumes cuja potência de transfiguração (BRASILEIRO, 2022) possa ameaçar os cânones e procedimentos coloniais.

Acreditamos na importância de ponderar sobre como o espaço da escuridão (BRASILEIRO, 2022), visto como vivência do mistério e possibilidade de mutação/transformação oferecidos pelos fazeres e saberes afro referenciados, podem oferecer maneiras de confrontação aos contextos racistas e normativos. Se a modernidade em operação reproduz os fantasmas coloniais e suas lógicas cognitivas binárias, como enfrentá-las sem aderir a sua lógica redutora. Seria possível as pessoas brancas dar espaço ao exame das frestas, dobras, tensionamentos, justaposições e complementaridades sem aliar-se aos esquemas de cooptação e reprodução dos privilégios, como entender esses processos sem pretender apossar-se dos segredos e objetificá-los. Seria possível falar sobre a ancestralidade, o axé, a senioridade, as encruzilhadas sem a tentação/suposição de controlar tais presenças ou reduzir experiências individuais a um único parâmetro geral de avaliação?

Como ponto de partida é necessário visualizar as pretensões e limites das branquitudes aliadas em sua busca por restaurar o humanismo moderno, pois tal projeto está, na melhor das hipóteses, fadado ao fracasso (HALBERSTAM, 2020). É necessário formular alternativas que possam superar os arranjos binários da sociedade capitalista e heteronormativa, percebendo as possibilidades de desfazimento e desconstrução de suas

configurações, uma vez que o fracasso “permite-nos escapar às normas punitivas que disciplinam o comportamento e administram o desenvolvimento humano (HALBERSTAM, 2020, 21)”. As alternativas aos desafios estruturais de nossa sociedade passam por reformular as expectativas de superação simplistas e assumir que as respostas são sempre provisórias e repletas de contradições.

No campo do ensino das danças negras é necessário indagar sobre os modos ético-políticos relativos ao posicionamento dos saberes afro-diaspóricos nos espaços de formação e seus sujeitos implicados, questionamento sobre as dinâmicas de folclorização ou de formatação/reprodução de estereótipos e padronização do corpo.

Tal questionamento nos leva a análise de procedimentos didáticos criativos para os estudos de corpo, arriscando a localização de temas e pressupostos de trabalho, bem como, procedimentos atencionais na prática das danças afrorreferenciadas. Assim, apresentaremos indicações a partir do exame da prática docente do autor, a qual localiza o corpo como espaço relacional e de escuta e que fornece indícios para uma estruturação momentânea e incompleta dos saberes de dança associados à cultura africano-brasileira. Como apoio para esses apontamentos servem de instigação teórica as noções de identidade enquanto relação e pensamento de errância (GLISSANT, 2005, 2021), ação de correspondência (INGOLD, 2022) e o trabalho de improvisação nas danças de tradição africana (DREWALL, 1991, 2003).

Compartilharemos a seguir algumas das dinâmicas que temos trabalhado em sala de aula na busca de relações mais dinâmicas e cuidadosas sobre o corpo que dança e experimenta os saberes da afro diáspora. É necessário sempre um mapeamento das expectativas dos discentes, suas experiências prévias nesse campo e sua disponibilidade para a experimentação. Acreditamos que devemos deixar de pensar na educação como mero método de transmissão de códigos a serem reproduzidos, mas relacioná-la a uma prática de atenção aos saberes dispostos em jogo com as pessoas estudantes.

A primeira dinâmica, aqui nomeada momentaneamente de *benzer o corpo*, solicita uma conversa inicial sobre as convocações e propósitos de trabalho num espaço de experimentação cênica, para que não haja equívocos sobre os direcionamentos do que se sugere. Assim, as presenças simbólicas deverão ser acionadas conectando-se com um desejo poético de experimentação e cuidado. Se as intencionalidades convocadas ritualizam o corpo, esse processo possui uma lógica díspar dos propósitos religiosos.

Nessa dinâmica, gestos inicialmente fazem referência à limpeza dos corpos, ao cruzar os caminhos não revelam segredos ou ensinamentos de fundamentação litúrgica, mas convocam energias e presenças para o bom direcionamento das atividades e dos corpos presentes, o que eticamente eles são convocados a trocar e criar coletivamente.

Propomos um trabalho em duplas com orientações que são revesadas entre os pares. Iniciamos pedindo licença ao contato com o corpo de si e do outro, lembrando que corpos, peles e gêneros são sempre também políticos e necessitam consentir a presença do outro e alimentar uma relação ética nesse contato. Uma das pessoas fecha os olhos e é solicitada que se atente aos outros sentidos do corpo para receber as ações descritas a seguir. Iniciamos com um aquecimento guiado, iniciando-se com uma massagem que possa aos poucos acionar memórias corporais e sensibilizar a pele e camadas musculares para o contato e presença. A ação seguinte é a de espanar um espaço próximo ao volume corporal da pessoa parceira. Imaginando a limpeza desse entorno corporal, o volume, as dimensões laterais, frontais e posteriores, dos pés à cabeça. Enquanto a pessoa estudante vai dançando esse espanar, improvisando ações com as palmas da mão, pés, cabeça, corpo inteiro, a pessoa com os olhos cerrados reverbera sutilmente a presença daquilo que escuta, do ar que se desloca em seu entorno. Os atuantes são convidados a imaginar imagens, cores, e sentimentos de limpeza, desapego, leveza, dissipação de energias desnecessárias.

A próxima ação refere-se à ação de cruzar os espaços ao redor do corpo. Dedos estalam enquanto gestos dos membros superiores cruzam em diagonal o corpo, projetando sobre o colega uma intenção de proteção. Proteção dos caminhos e trajetórias percorridas, ressoando sentidos de segurança para se empreender seus desígnios de vida. A ação também percorre os espaços em torno da pessoa parceira. O gesto deve organizar-se mesclando ritmos, dançando com as presenças, sonoridades e subtextos acionados.

A última ação é um convite a paramentação desse corpo. Imaginamos realezas e suas vestes, indumentárias e acessórios. Realizam-se pequenas ações, toques sutis. Abre-se um canal imaginativo de possibilidades. Por fim, se adorna o corpo investido de uma coroa, momento em que as realezas presentificadas nos corpos em jogo se abraçam, tal ação convoca a inversão de papéis entre os participantes.

Numa próxima etapa, após o revezamento da dupla, é sugerido que as pessoas participantes possam construir um caminho improvisacional próprio a partir da indicação das três ações percorridas anteriormente. É indagado como seria elaborar um caminho,

trajeto corporal em que o corpo se acumulasse de sentidos ao elaborar sua própria maneira de limpar suas energias, proteger os caminhos e paramentar-se para a luta diária. O propósito é que cada pessoa elabore uma pequena frase coreográfica, uma partitura corporal, onde cada participante imagine que gestualidade, que movimento pode ser encadeado para formar uma sequência de movimentos que simbolize e relate os senso experimentados na parte guiada em duplas.

A intenção é que cada participante elabore uma dinâmica capaz de investir uma presença, reacumulando os sentidos a partir da criação de um repertório pessoal capaz de preparar o corpo para sua jornada.

Essa proposição dialoga com a noção de fabulação presente no pensamento negro contemporâneo, em que pese a urgência de reorganizar criticamente quadros mentais dados pela colonialidade, traçando outras rotas e alimentando projetos possíveis. Coaduna-se também com um projeto poético afrofuturista, como mecanismo de posicionamento frente ao presente e no reconhecimento de que discursos sobre o futuro servem para controlar e programar o presente, gestando um mercado de futuros (ESHUN, 2018) – postura propositiva para a vida presente, desejosa de referenciais outros, alimentando possibilidades de imaginação que quebrem o senso comum midiático sobre as expectativas de consumo e conformação.

Outra dinâmica que temos investigado, inicia-se com a observação de objetos e materiais com o intuito de indagarmos sobre nossas projeções sobre o corpo que dança. Esse corpo é sempre antropomórfico e analisado conforme uma gramática moderna, organizado por fatores de movimento em que se observam as estruturas corporais humanas. Tal leitura, tributária geralmente das contribuições estruturadas por Laban e seus seguidores elabora padrões de análise e referenciação a partir da análise do tempo, espaço, peso e fluência e seus significados e medidas de oposição, respectivamente rápido e lento, direto e indireto, leve e firme, contínuo e controlado.

A partir dessa referência, mas não presos a ela, propomos a observação de alguns materiais e objetos selecionados<sup>2</sup>, indagando sobre a composição e estruturação de seus corpos, seus eixos e linhas de sustentação. Como seu volume se organiza no espaço e quais as existências anteriores e posteriores de cada um dos elementos. De onde cada um

---

<sup>2</sup> A escolha desses elementos é livre, mas sugerimos que possam ser variados. Como exemplo utilizamos um punhado de terra, uma concha, uma folha seca, um ninho de passarinho, um casulo de marimbondo, uma caixinha de música, uma pinha de natal, um apito de madeira.

deles teriam vindo e para onde eles poderiam ir, como continuariam sua presença no tempo? Qual imaginação seria possível sobre sua presença pregressa e futura? Seus processos de transformação pelo tempo. Nesse momento há a necessidade de um momento prévio para o manuseio, a observação sobre as texturas, cores, incidência de luz, cheiros, temperatura dos mesmos.

Em seguida provocamos como o corpo poderia responder a esses objetos e materiais manuseados? Como o corpo, mesmo que inicialmente de maneira mimética, representacional ou ilustrativa, poderia dialogar com aquelas presenças, reverberando, posteriormente, com imagens menos obvias, observando as correspondências possíveis, mais abstratas, imaginando suas trajetórias, seus caminhos e rotas, usos e configurações possíveis, que situações poderiam ser evidenciadas.

A proposição solicita a imaginação corporificada, fabulações sobre suas presenças anteriores e suas continuidades em novas configurações possíveis. A seguir indagamos como o próprio corpo pode reelaborar aqueles objetos e materiais no espaço e na relação com os tempos e seus devires. O exercício convoca a uma presença dialogada com as formas do mundo, sejam elas mais naturais ou resultado do trabalho humano, e convida ao olhar curioso sobre os objetos e seus afetos. Aqui novamente solicitamos a ação de correspondência, de descoberta, indagação e relação. Nosso objetivo é pensar a dança e o movimento para além dos arranjos antropomórficos e imediatistas, convocando uma dimensão amplificada do corpo, para além de sua presença humana.

A única maneira de se aprender alguma coisa – isto é, conhecer a partir do próprio interior de um ser -, é por meio de um processo de autodescoberta. Para conhecer as coisas temos que penetrá-las e depois deixar que elas cresçam dentro de nós, que se tornem uma parte do que somos (INGOLD, 2022,15).

Essa abordagem solicita pensarmos os fazeres e saberes afro diaspóricos para além da mera reprodução de passos e códigos, mas na apreensão de modos de saber, nos quais as possibilidades de comunicação/comunhão têm a ver proporcionalmente a capacidade de variação das coisas e suas relações (INGOLD, 2020) definida por uma coexistência generosa e dialógica. Os saberes mediados pela prática não são organizados para satisfazer uma expectativa essencialista sobre os conhecimentos afrodispóricos, nem se limitam a uma replicação de rotinas para a apreensão de conhecimentos por uma transmissão direta, uma lógica de treinamento disciplinarizado, mas são instaurados à medida que as pessoas produzem experiências em um ambiente compartilhado, visando

fortalecer a atenção sobre a presença e os afetos em interação.

Outra proposição em desenvolvimento faz referência a observação da noção de tempo e a necessidade de dilatá-lo em uma compreensão composta por heterogeneidades e simultaneidades. A partir da modernidade fomos acostumados a perceber e relatar o tempo como algo cronológico, uma seta linear progressiva, cujo fluxo sucessivo ordena a vida e as coisas do mundo entre o passado, o presente e o futuro. O movimento é sempre algo que ocorre para frente, como se esgotasse a vida à medida que se desenrola. O símbolo dessa apreensão, os ponteiros do relógio, demarcam espacialmente uma medida percorrida, esvaída, irrecuperável.

Nosso intento é questionar essa lógica e indagarmos sobre a natureza do tempo e suas múltiplas percepções. Solicitamos às pessoas estudantes que imaginem três dimensões pulsionais de tempo, distribuídas entre sensações diversas, da que se esvai lentamente à mais acelerada, buscando correspondências entre essas sensações e suas imagens, corpos e figuras correspondentes<sup>3</sup>. Para cada uma das imagens foi realizado um desenho no chão com giz. Essas representações deveriam ser realizadas em diferentes espaços na sala de trabalho, podendo assumir formas ilustrativas ou mais abstratas. Após a realização das grafias foi solicitado aos estudantes que representassem pelo corpo as sensações e movimentos que cada uma das imagens os provocasse, passando da indicação mais lenta a mais rápida ou vice-versa. Essa ressonância corporal poderia ser realizada livremente atentando-se às variações de duração, à expansão ou retração do movimento pelas partes do corpo, criando deslocamentos pelo espaço.

Assim que a exploração dos desenhos individuais fosse concluída foi solicitado que percorressem as grafias dos colegas, improvisando igualmente o que cada imagem pudesse ressoar no corpo. Após esse mapeamento foi sugerido que cada pessoa selecionasse representações que projetassem diferentes registros temporais a serem explorados simultaneamente pelo corpo, atentando-se para suas interferências e modulações. Foi lembrado que cada corpo também deveria apresentar-se atento às afetações causadas pelos outros corpos em movimento. O objetivo está em perceber a formulação de arranjos, reacomodações decorrentes da percepção dos corpos em relação,

---

<sup>3</sup> Como exemplos dessas solicitações surgiram imagens como o tempo cíclico da natureza, o tecer de uma teia, o queimar do pavio de uma vela, o gotejar de gotas após uma chuva de verão, a claridade de um relâmpago, etc.

uma vez que diferentes temporalidades coexistem no espaço e que todas elas estão implicadas de alguma maneira.

O tempo, na concepção africana tradicional, é um fenômeno que se realiza em duas dimensões. A primeira é a dimensão que comprehende todos os fatos que estão prestes a ocorrer, que estão ocorrendo ou acabam de ocorrer. A segunda é a dimensão que engloba todos os acontecimentos passados, que ligam o início das coisas ao presente desdobramento dos eventos no Universo. De acordo com esta ideia ancestral, o tempo flui mais pela opção existencial do ser humano do que por outros fatores. Assim, é preciso acreditar na existência simultânea do passado, do presente e do futuro; e orientar o tempo dentro da harmonia dessas três variantes. Porque o tempo linear, com horas, dias, meses e anos é também uma ilusão (LOPES e SIMAS, 2020, 24).

Longe de recusar as lógicas temporais da modernidade, o exercício elabora um convite à percepção de outras compreensões sobre a percepção do tempo, chamando atenção para o caráter complementar e solidário de suas múltiplas ocorrências. Nessa perspectiva as anterioridades, elementos que compõem nossos senso de ancestralidade, não são elementos estanques ou lineares (LOPES e SIMAS, 2020), mas constituem-se como elementos dinamizadores e de ligação ao que ocorre.

Outro fator relevante é a consideração que essas práticas educacionais devem solicitar a ação dos sentidos, conjugando o maior número deles na apreensão de seus saberes. Esse caráter sinestésico e experiencial garante ao corpo a fixação de conhecimentos pela memória de suas sensações. Assim, a exploração perceptiva de sensações como a visão, o tato, a audição, o olfato, por exemplo, ajudam a demarcar memórias e afetos na construção das experiências compartilhadas.

Essas dinâmicas oferecem um caminho inacabado a ser explorado, despontando poéticas políticas em consonância com os legados africanos, os quais nos oferecem processos educacionais de formação artística díspares da lógica colonial. Não pretendemos, entretanto, fazer das abordagens aqui descritas um modelo a ser imitado ou reproduzido. Antes, elas apenas constituem exercícios para explorarmos dimensões dos saberes afrodiáspóricos, reconhecendo fundamentos nesse campo. Dessa forma, ressaltamos a abordagem do corpo para além do especismo antropocentrado; a atenção aos elementos menos aparentes de nosso entorno, mas não menos importantes; a exploração de alteridades e complexidades dos elementos com que nos relacionamos temporal e espacialmente, para além da mera cópia de passos e sequências coreográficas.

## Referências

- BRASILEIRO, CASTIEL VITORINO. **Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude.** São Paulo: n-1 edições, 2022.
- DEFRANTZ, THOMAS; GONZALES, ANITA. **Black Performance Theory.** Durham: Duke University Press, 2014.
- DREWAL, MARGARET THOMPSON. Improvisation as participatory performance: egungun Masked Dancers in the Yoruba Tradition. In: ALBRIGHT, Ann Cooper and GERE, David. **Taken by surprise:** a dance improvisation. Wesleyan University Press, Middletown, 2003.
- DREWAL, MARGARET THOMPSON. The State of Research on Performance in Africa. **African Studies Review**, Volume 34, Number 3 (December 1991), pp. 1-64.
- ESHUN, KODWO. Outras considerações sobre o afrofuturismo. In: PEDROSA, Adriano et all. **Histórias Afro-Atlânticas:** antologia [vol.2]. São Paulo: MASP, 2018.
- FANON, FRANTZ. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERRAZ, F. Construindo um currículo negro: Notas sobre identidade, diferença e aliança no campo das Danças Negras. **Arte da Cena (Art on Stage)**, Goiânia, v.7, n.2, p.006–045, 2022.
- FERRAZ, FERNANDO M. C. Danças Negras: entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes. **Revista Eixo - Especial Educação, Negritude e Raça no Brasil.** Brasília, v.6 n.2, p.115-124, 2017.
- GILROY, PAUL. **Entre Campos:** Nações, Culturas e o Fascínio da Raça. São Paulo: Anablume, 2007.
- GLISSANT, ÉDOUARD. **Introdução a uma poética da diversidade.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.
- GLISSANT, ÉDOUARD. **Poética da relação.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- HALBERSTAM, JACK. **A arte queer do fracasso.** Recife: Cepe, 2020.
- HALL, STUART. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- INGOLD, TIM. **Antropologia e/como educação.** Petrópolis: Vozes, 2020.
- INGOLD, TIM. **Fazer:** antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis: Vozes, 2022.
- JAGUN, MÁRCIO DE. **A sala de aula não cabe no mundo:** compreendendo a nagologia educacional e suas metodologias singulares. Rio de Janeiro: Litteris, 2021.

LAUNAY, ISABELLE. **O dom do gesto.** In: GREINER, Christine e AMORIM, Claudia (orgs.) Leituras do corpo. São Paulo: Annablume, 2003.

LOPES, NEI; SIMAS, LUIZ ANTÔNIO. **Filosofias africanas:** uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MARQUES, ROBERTA RAMOS. Currículo como lugar de escuta: afeto, performatividade e emancipação de histórias da dança. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, v.01, n.01, p.06-39, 2022.

MARTINS, LEDA MARIA. **Performances do Tempo Espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

QUIJANO, ANIBAL. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, p.117-142, 2005.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. **Reconhecer para libertar:** os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SODRÉ, MUNIZ. **O pensar nagô.** Petrópolis: ed. Vozes, 2017